

# **O PROCESSO DE APROPRIAÇÃO DO SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA A PARTIR DE JOGOS E SEQUÊNCIAS DE ATIVIDADES**

Aline Rafaela Lima e Silva (UFRPE – UAG)  
alyne\_rafaella@yahoo.com.br

Jefferson Cavalcante Leite (UFRPE - UAG)  
jeffersoncl@gmail.com

Fernanda Cavalcante da Silva (UFRPE - UAG)  
fernanda\_najara@hotmail.com

## **Introdução**

Uma nova perspectiva foi dada ao processo de ensino e aprendizagem do Sistema de Escrita Alfabética – SEA a partir de estudos sobre a Psicogênese da Língua Escrita, de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1979), e desse modo alfabetização passou a ser encarada como um processo de construção de conhecimentos a partir da utilização dos saberes prévios do alunato e de vivências significativas dos conteúdos. Diante dessa nova concepção, vieram à tona as seguintes inquietações: como alfabetizar as crianças? Que atividades podem garantir a aprendizagem da leitura e da escrita? Como organizar o trabalho pedagógico? Quais recursos didáticos precisam ser utilizados em turmas de alfabetização?

Queremos a partir desses questionamentos, enfatizar o processo de reflexão sobre o SEA desde muito cedo, tendo em vista que os pequenos sabem e pensam sobre a notação escrita mesmo antes de ingressarem no Ensino Fundamental, conforme estudos desenvolvidos por Ferreiro e Teberosky (1979). Dessa forma, é elementar que se desenvolva um ensino sistemático sobre esse objeto de ensino, envolvendo as crianças em práticas sociais de leitura e escrita, além do uso de jogos pedagógicos como alternativa didática que tende a desafiar os educandos no que se refere a seus conhecimentos sobre a escrita, além de propiciar às crianças um aprendizado que ocorra permeado de ludicidade e experiências significativas, numa prática de “alfabetizar brincando” (cf. MORAIS, 2005). Nesse sentido, o processo de alfabetização precisa além da tradicional cópia; de práticas que considerem os conhecimentos prévios do educando, levando-o a ser autor e construtor de seu próprio saber, de modo que o discente pense sobre a notação escrita, bem como sobre a linguagem escrita em conformidade com Leal, Albuquerque e Leite (2005).

Compreendendo a variabilidade das ações docentes, faz-se, pois, necessário, analisar as atuais práticas de ensino desenvolvidas nos anos iniciais do Ensino Fundamental a fim de identificarmos componentes daquelas que levam os alunos a se apropriarem da linguagem escrita de forma mais eficaz, bem como entender seus mais diversos usos e funções.

Este trabalho tem, pois, por objetivo geral ampliar os conhecimentos dos educandos no que se refere ao aprendizado sobre o sistema de escrita, bem como da linguagem que se usa para escrever, por meio de jogos e práticas de reflexão sobre o SEA, favorecendo o contato dos mesmos com o mundo letrado, além de analisar as possibilidades de ensinar os princípios do SEA

com uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental. Para tanto, foram vivenciadas etapas que levaram tais alunos a refletir sobre os aspectos relativos à consciência grafológica e fonológica a partir do trabalho lúdico e reflexivo com jogos alfabéticos e sequência de atividades.

## 1. Modismos e métodos de Alfabetização.

Ao refletirmos sobre a alfabetização e seu processo histórico é interessante ressaltar a importância da psicogênese da língua escrita para o processo de ensino-aprendizagem, sem esquecer os antigos métodos, que também trouxeram grandes contribuições para o atual modelo de ensino. Ainda hoje, nos deparamos com uma busca incessante por receitas infalíveis de alfabetização, na busca por um método tido como ideal para essa finalidade.

Segundo Galvão e Leal (2005), os métodos de alfabetização mais utilizados se dividiram em três grupos: os sintéticos, os analíticos e os analítico-sintéticos. No primeiro grupo o ensino da escrita parte do mais simples para o que é considerado mais complexo, das unidades menores (letras, fonemas ou sílabas) para as unidades maiores (palavras, frases, textos). As práticas de ensino voltadas para este método defendem que a aprendizagem é mais fácil quando se parte das unidades mais simples, para depois conhecer as unidades inteiras e significativas.

Os métodos analíticos, utilizam frases ou pequenos textos, para em seguida entender as partes menores que os compõem (letras e sílabas), por exemplo, a criança parte da frase para extrair as palavras e, depois, dividi-las em unidades mais simples, as sílabas. Por fim, os métodos analítico-sintéticos partem de palavras, frases e textos para em seguida decompor as unidades maiores em menores. Encontra-se nesses métodos a palavração, a partir do qual o aluno aprende as palavras, depois as separa em sílabas e formam novas palavras.

É sabido que a criança mesmo antes de adentrar na escola, já tem contato com diversos materiais escritos, embora a utilização dos métodos mencionados tais conhecimentos prévios não são considerados. É, pois, necessário recriar estratégias, alternativas didático-metodológicas que visem uma nova forma de ver e entender o mundo através da leitura e produção de textos, a fim de que se formem sujeitos críticos e leitores conscientes.

Emília Ferreira e Ana Teberosky buscaram em seus estudos, a compreensão do processo de aquisição da linguagem escrita, no qual a criança precisa compreender o que a escrita nota e como ela nota. Tais investigações possibilitaram uma maior compreensão acerca da notação da criança, tornando possível uma aplicação de atividades direcionadas a cada nível, para que dessa forma, o aprendizado do SEA seja otimizado. Tais níveis foram divididos em 4 pelas estudiosas, são eles: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético.

No nível pré-silábico, período de não fonetização da língua, alguns alunos acreditam que escrever é a mesma coisa que desenhar, e assim, nenhuma relação entre escrita e pauta sonora é estabelecida. Algumas crianças nesse nível apresentam dificuldades em diferenciar letras de números; escrevem utilizando desenhos, garatujas, rabiscos ou números. Nesse estágio também há casos de realismo nominal, no qual o

aprendiz associa a palavra diretamente ao seu significado e não ao seu significante, como por exemplo, se for solicitado, a escrever a palavra CASA, ele vai achar que a palavra precisa de muitas letras porque a CASA é um objeto grande. Nesse nível, atividades de familiarização com as letras, como por exemplo, bingo de letras; poemas; trava-línguas; atividades de consciência fonológica, tais como textos que fixem os sons iniciais e finais das palavras podem auxiliar o aluno a se desenvolver melhor nessa fase (LEAL, 2005).

O nível de escrita silábico é o estágio no qual a criança já percebe as relações entre escrita e pauta sonora, de modo que para cada segmento silábico pronunciado na palavra, haverá apenas uma letra grafada pelo aluno, tendo em vista que o mesmo ainda não se apropriou inteiramente desse conhecimento. No início é comum o aluno escrever ESCOLA (TBF), marcando uma letra para cada sílaba, ainda que esta não corresponda ao fonema convencional, já em outro momento mais avançado de reflexão, ele percebe essa relação com a pauta sonora e então grava a mesma palavra da seguinte forma “EOA”. Essas duas etapas distinguem-se em silábico de quantidade, no qual cada sílaba é marcada por uma letra aleatória e de silábico de qualidade, no qual cada sílaba é marcada por uma letra que a corresponde. Atividades que trabalhem com palavras estáveis e atividades de consciência fonológica com correspondência escrita podem auxiliar nesse processo (LEAL, 2005).

No nível silábico-alfabético o aluno se encontra em processo transitório para o nível alfabético, de modo que já é entendida por ele a correspondência entre grafema e fonema, no entanto, esse saber ainda não está totalmente fixado, de modo que o mesmo nem sempre marque todas as unidades menores que as sílabas. É preciso então trabalhar atividades que sistematizem as correspondências grafofônicas, tais como: produção de textos, produção de frases relacionadas com imagens, escrita de palavras e frases com alfabeto móvel e silabário, cruzadinha, atividades de completar palavras, caça-palavras, dentre outras. Por fim, no nível alfabético, a criança preocupa-se em fazer correspondências com todos os fonemas. Após essas conquistas, inicia-se um longo caminho de aprendizagens sobre a norma ortográfica.

Tendo em vista todas as etapas percorridas acima, nota-se a importância de se refletir sobre as implicações da psicogênese para a prática do professor alfabetizador, e que este por sua vez, compreenda e reflita em como se dá o processo de alfabetização e suas implicações, a fim de que ele possa propor, a partir desses conhecimentos, atividades que visem atender às especificidades e expectativas dos alunos, como também, colaborar com o desenvolvimento dos mesmos. O processo de aprendizado deve, assim, ser entendido como uma ação sistêmica que perpassa as relações alfabético/ortográfico, além do sistema grafofônico e devido a sua heterogeneidade, os alunos devem ser considerados no contexto em que estão inseridos, em seus aspectos cognitivos, sociais e culturais. É preciso notar o processo de aprendizagem como uma atividade de troca e construção mútua de conhecimento a partir das experiências de vida de cada sujeito, ao invés de ver o docente como único detentor do saber.

## 2. Em foco: Alfabetizar letrando!

Considerando que o processo ensino-aprendizagem na alfabetização perpassa por vários caminhos até alcançar o desenvolvimento e formação de leitores críticos e

conscientes, faz-se necessário refletir sobre a importância de se alfabetizar na perspectiva do letramento. Estudos feitos pelo Censo Demográfico mostram que até 1940 eram consideradas alfabetizadas aquelas pessoas que sabiam assinar seu próprio nome, o que mudou a partir dos anos 50, quando se passou a considerar alfabetizadas aquelas pessoas que sabiam ler e escrever um bilhete simples. Sendo assim, o conceito de alfabetização passou a ser considerado um processo muito mais amplo, uma vez que passou a abranger o uso da leitura e escrita incluída numa prática específica.

Pesquisas apontam inúmeros sujeitos que, ao concluírem a educação básica, estão inaptos ao uso da leitura e da escrita para fins cotidianos, como por exemplo, entender o uso e composição de um bilhete, carta, rótulo e outros gêneros discursivos inseridos na sociedade. Assim, surgiu o conceito de “analfabetismo funcional”, ou seja, as pessoas sabem ler e escrever, mas, não fazem uso de práticas de leitura e escrita essenciais no exercício da cidadania.

Em meados da década de 1980, surge uma nova ideia de alfabetizar, o termo “letramento”, que de acordo com o Dicionário Houaiss (2001) é um “conjunto de práticas que denotam a capacidade de uso de diferentes tipos de material escrito”, veio trazer inovações para o campo de ensino da língua materna de modo que pode até haver sujeitos analfabetos, mas que consigam participar ativamente de eventos sociais mediados pela leitura e escrita, fazem uso da leitura e da escrita (letramento).

Em conformidade com Soares (2003), o acesso ao mundo da escrita se dá por meio de dois caminhos indissociáveis: um é o da técnica, pois é preciso que a criança note que os grafemas e fonemas estão relacionados, além das formas de escrita (de cima para baixo e da direita para a esquerda), o outro caminho é o desenvolvimento das práticas de uso dessa técnica. Em nada adianta saber a técnica se o aluno não tiver condições de pô-la em prática, sendo assim, é preciso que o aprendizado da leitura e da escrita se dê por meio de um contato direto com “n” tipos de textos para que assim o aluno possa aprender a utilizar a língua nas mais diversas esferas sociais nas quais a mesma está inserida. Um caminho não é pré-requisito do outro, então a criança pode sim ter contato com textos, os mais variados possíveis, mesmo sem ter ainda o domínio do Sistema de Escrita Alfabética (SEA). Tudo é melhor de se aprender colocando a mão na massa, portanto não se pode pensar em letrar longe do pensamento de alfabetização, essas duas vias interdependentes, entretanto indissociáveis e devem estar atreladas e ocorrer sistematicamente. Alfabetizar a partir do letramento oportuniza, portanto, ao aluno uma nova forma de conceber e perceber a aquisição da leitura e da escrita, uma vez que os alunos aprendem a ler e escrever fazendo uso da leitura e da escrita.

### 3. O trabalho com jogos pedagógicos no processo de apropriação do Sistema de Escrita Alfabética.

A utilização dos jogos pedagógicos tem sido uma forma bastante eficaz no processo de dinamizar o ensino da língua materna, de modo que este seja inserido desde muito cedo nos parâmetros escolares, sendo, para tanto, de uma forma mais lúdica, o que torna esse processo de aprendizagem muito mais interessante e enriquecedor para os docentes e discentes envolvidos com essa ferramenta. De acordo com Leal, Albuquerque e Leite (2005), o uso de materiais diversos em sala de aula pode auxiliar o docente na organização de seu trabalho pedagógico e os discentes na compreensão do

SEA, a exemplo dos jogos de alfabetização, que por serem instrumentos atrativos, envolvem as crianças num momento de aprendizado lúdico e reflexivo, além de ensinar preceitos como o respeito às regras e aos demais participantes, entre outros como o saber ganhar e perder e não trapacear.

Segundo Kishimoto (2003), os brinquedos educativos surgiram no fim do século XVIII como um dos recursos a ser utilizado no processo de desenvolvimento psíquico, social e cognitivo da criança, mas só é utilizado com a finalidade de educar a partir do século XIX, com o crescimento da educação infantil. É importante salientar que para ser considerado pedagógico, o jogo precisa estar voltado para a aprendizagem de algum conteúdo pedagógico, como defende Kishimoto (2003, p.36): “quando as situações lúdicas são intencionalmente criadas pelo adulto com vistas a estimular certos tipos de aprendizagem, surge à dimensão educativa.” No caso dos jogos de alfabetização defendemos que são importantes aliados no ensino do SEA, uma vez que permitem ao aluno potencializar sua criatividade e construção do conhecimento sobre a escrita.

Leal (2005), organiza os jogos em dois grupos, devido a sua diversidade de estilos, são eles os de enredo e os de regras. Nesse primeiro tipo jogo as crianças interpretam papéis diferentes de cunho social e as regras são à base da brincadeira, só que essas regras nesse contexto estão implícitas, já que as crianças estão agindo conforme “padrões” estabelecidos na sociedade. Como por exemplo, quando brincam de escola, as crianças obedecem às regras da escola. Já os jogos de regras estão mais direcionados à finalidade do jogo, dessa forma, a atenção está voltada ao cumprimento das regras. Embora essas não sejam as únicas ferramentas a serem utilizadas no processo de ensino-aprendizagem, é perceptível a significância no o desenvolvimento social e moral da criança dos dois grupos de jogos citados acima, uma vez que os mesmos envolvem os participantes em situações próximas da realidade e de suas experiências cotidianas.

Ao considerarmos os níveis de escrita, de acordo com Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1979) já citados no início deste trabalho, Leal, Albuquerque e Leite (2005) classificam os jogos de acordo com os princípios do SEA: os jogos de análise fonológica, que são indicados para o trabalho nos níveis de escrita pré-silábica e silábica e objetivam a percepção da criança no que concernem aos segmentos sonoros da palavra, ou seja, refletir através das rimas, imagens, palavras, estabelecendo relações entre elas. Os jogos que ajudam a refletir sobre os princípios do SEA são direcionados para os níveis de escrita silábico, silábico-alfabético e alfabético, e têm a finalidade de fazer com que as crianças conheçam as letras do alfabeto e seus nomes, compreenderem que a escrita parte da esquerda para a direita, além de perceberem que as palavras são formadas por sílabas. Os jogos que ajudam a sistematizar as correspondências grafofônicas e a desenvolver fluência de leitura por sua vez, buscam sistematizar as correspondências grafofônicas, ou seja, relacionar letra e som – perceber os segmentos sonoros da palavra. No que se refere à aptidão da leitura, jogos envolvendo o uso de pequenos textos, são importantes nesse processo. As crianças envolvidas nesse tipo de jogo estão nos níveis de escrita silábico, silábico – alfabético e alfabético.

Diante dessa discussão, observamos a relevância do trabalho com jogos no processo de alfabetização, e de como estes auxiliam no desenvolvimento do aluno tanto para a aquisição da linguagem escrita, quanto para a construção de valores morais e sociais, sendo ainda de importância elementar a mediação do professor e a proposição

de outros materiais didáticos são essenciais na compreensão do funcionamento do SEA. É fundamental que o professor conheça o que o aluno já sabe sobre a escrita e o que precisa saber, para que assim utilize materiais que promovam a aprendizagem sobre esse sistema.

### Metodologia

Este estudo constituiu-se numa pesquisa-ação, desenvolvida a partir dos trabalhos exercidos no Programa Institucional de Iniciação à Docência – PIBID com alunos do 1º ano do 1º ciclo de uma escola municipal de Garanhuns no período de oito meses, nos quais inúmeras atividades de reflexão sobre a notação escrita e a linguagem que se usa para escrever foram desenvolvidas. Os resultados arraigados nesse estudo foram avaliados a partir de três sondagens realizadas, no início (a fim de identificar a condição de escrita que cada criança se encontrava no momento da mesma), no meio e fim do trabalho da intervenção (com o intuito de notar possíveis avanços mediante as atividades realizadas ao longo do estudo), tomando por base, Ferreiro e Teberosky (1979), estudiosas que apresentam a psicogênese da língua escrita como ferramenta de nivelção da aquisição da escrita, que divide-se em pré-silábico quando o aluno escreve utilizando garatuja, rabiscos, desenhos, entre outros; a hipótese silábico-alfabético, no qual o sujeito já entende essa relação grafema fonema e passa a marcar uma letra para cada sílaba, num estágio inicial (quantitativo), não fazendo correspondência grafofônica e num segundo estágio (qualitativo); na hipótese silábico-alfabético, na qual a criança já nota que cada sílaba é composta por mais de uma letra, embora ainda não tenha propriedade para escrever todas as letras que compõem a palavra; e por fim, a hipótese alfabética, na qual o aluno já sabe escrever corretamente, tendo apenas alguns deslizes de ordem gramatical.

A partir dos resultados da primeira sondagem foi possível elencar atividades e estratégias de ensino direcionadas a cada nível, para que assim, os alunos obtivessem o maior progresso possível considerando seu nível inicial. As atividades desenvolvidas ao longo do projeto foram de reflexão sobre o sistema de escrita alfabética (SEA), a partir do trabalho com dominó de palavras; roleta de rimas; jogos e textos que trabalham com rimas a fim de que os alunos refletissem sobre os segmentos sonoros que compõem as palavras, trazendo sempre o lúdico para o cotidiano escolar; atividades de familiarização com as letras, tais como leituras diárias, exposição de cartazes, rótulos de embalagens, bingos de nomes; atividades de rimas, reconhecimento de palavras que comecem ou terminem com a mesma letra ou sílaba; atividades de decomposição e composição de palavras, dentre outras, para que os alunos aprendessem não só a codificar e decodificar textos, mas sim que o mesmo tenha propriedade para fazer uso das ferramentas da leitura e da escrita.

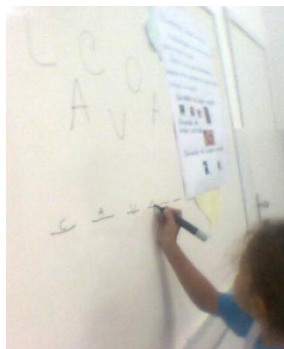
O planejamento das atividades procurou contemplar atividades direcionadas a mais de um nível, tendo em vista que a turma era bastante heterogênea, para tanto, a prática do trabalho em equipe foi uma forte aliada em vários momentos nos quais as crianças puderam trocar conhecimentos e se ajudar mutuamente. Sempre presente, a leitura tinha como um de seus principais objetivos promover a criticidade e um pensamento mais reflexivo por parte do aluno que a partir das estratégias de leitura de Isabel Solé (2008), é incitado a fazer inferências e refletir sobre a leitura para o seu total entendimento. Para Solé (2008) “O processo de leitura deve garantir que o leitor compreenda os diversos tipos de textos que se propõe a ler”, desse modo, o indivíduo

será capaz de diferenciar os mais diversos gêneros textuais, conhecer suas características específicas e utilizar corretamente as ferramentas necessárias tanto para a leitura, quanto para a escrita de textos, através das quais o aluno possa identificar a mensagem global contida no texto, além de analisá-lo de acordo com seus conhecimentos prévios e da identificação dos problemas de entendimento, nos quais haja a necessidade de parar e reler o fragmento não compreendido em seu contexto, a fim de compreender o texto em sua totalidade.

Uma das atividades explorando o gênero trava-língua foi realizada em sala de aula, para que os alunos pudessem ter um maior conhecimento acerca deste. Para tanto, foi feita uma explanação acerca do que seria o trava-língua, quais os trava-línguas que elas conheciam e se sabiam falá-los sem travar. O que nos possibilitou trabalhar a noção de sílabas e da mudança de uma ou duas letras que efetuam a mudança da palavra e consequentemente o sentido desta, além da relação grafema-fonema estabelecida nas reflexões desse texto.

Até mesmo a brincadeira da “forca”, muito conhecida entre os pequenos, nos serviu de instrumento de trabalho, propiciando de uma forma bastante eficaz o aprendizado do SEA pelas crianças que a partir de suas hipóteses para descobrir a palavra em questão a partir do número de letras e de sua natureza semântica se apropriaram melhor de tais aspectos, que são de extrema importância nesse estágio de aquisição da língua escrita. No momento lúdico, cada aluno tinha uma chance de indicar uma letra ou a palavra, se já a soubesse. Essa atividade foi bastante prazerosa, pois possibilitou aos educandos pensarem na resposta a partir das letras já respondidas pelos outros colegas, e mesmo aqueles alunos que ainda não haviam se apropriado do SEA, puderam participar da brincadeira em parceria com as outras crianças.

O jogo da pescaria, outra prática lúdica também vivenciada foi uma atividade bastante produtiva no que condiz o crescimento dos pequenos aprendizes por meio do uso reflexivo do SEA. A brincadeira propunha que os alunos pescassem um peixe e em seguida formassem uma palavra com as letras dispostas sobre o peixe; aqueles que já sabiam ler escreviam no quadro sem ajuda alguma de um mediador; essa foi uma prática desafiadora para aqueles, que mesmo tendo posse de tais habilidades, tiveram que unir as letras na ordem correta a fim de descobrir qual a palavra presente no peixe, já os que não sabiam ler, precisaram a indicar para os colegas quais as letras dispostas para então receber auxílio tanto deles, quanto da mediadora, indagou toda a turma a fim de formar a palavra correta. As figuras abaixo ilustram um pouco de como foi essa atividade.



Além desses jogos e brincadeiras, algumas sequências de atividades foram desenvolvidas em grupo e individualmente, num trabalho com materiais diversos,

buscando respaldo sempre no lúdico a exemplo de alfabetos móveis, jogos de nomes, embalagens, entre outros instrumentos, a fim de auxiliar mais de perto os pequenos que ainda não tinham muito conhecimento das letras, palavras estáveis e alguns que não sabiam nem mesmo escrever seus nomes. Esse trabalho rendeu bons frutos, no que concerne ao desenvolvimento das crianças em relação à suas dúvidas e erros, de modo que as crianças perderam o medo do erro e passaram então a questionar, tentar escrever da forma como sabiam, e fazer comparações com outras palavras que se iniciavam ou terminavam com o mesmo som, para que a partir daí fossem feitas as considerações necessárias.

O uso de ferramentas, as mais diversas, é elementar nesse processo de aquisição da linguagem e apropriação do sistema para que o saber possa ser promovido em sua excelência de uma forma lúdica e dinâmica para que assim, a prática do saber possa ser permeada de leveza e prazer.

## • RESULTADOS

Os trabalhos desenvolvidos ao longo do período proposto contribuíram bastante na formação de alunos mais reflexivos e autônomos, no que se refere às práticas da língua, trabalhando a partir dos conhecimentos prévios dos alunos para a ampliação das habilidades e ferramentas necessárias ao desenvolvimento de sua cidadania, a turma em questão teve um aumento bastante positivo no que se refere ao lançamento de hipóteses das crianças que dessa forma, vão aos poucos se apropriando do que escrever, para quem escrever e como escrever a partir do conhecimento que elas adquirem em seu dia a dia sobre o funcionamento da escrita.

O que se percebe na prática com os alunos é que eles vão aos poucos articulando as práticas sociais aos objetivos escolares desenvolvidos com o projeto. No momento em que as atividades trabalhadas têm como objetivo a aprendizagem e o processo de alfabetização com eficácia há um desdobramento de seu uso e sua aplicação na vida, pois a escrita não constitui apenas como instrumento de comunicação, mas assume, ao mesmo tempo, o papel de objeto de ensino e aprendizagem. O aprendiz foi se apreendendo no decorrer do projeto de diversos gêneros textuais, tendo propriedade para diferenciar os mais diversos gêneros textuais conheça suas características específicas e utilize corretamente as ferramentas necessárias tanto para a leitura, quanto para a escrita de textos, através das quais o aluno possa identificar a mensagem global contida no texto, além de analisá-lo criticamente de acordo com seus conhecimentos prévios e da identificação dos problemas de entendimento, nos quais haja a necessidade de parar e reler o fragmento não compreendido em seu contexto, a fim de compreender o texto em sua totalidade.

A partir desse trabalho e da parceria com a docente da sala de aula, grandes avanços puderam ser alcançados de modo que foram apresentadas melhoras significativas na apropriação do sistema de escrita alfabética por meio das atividades lúdicas desenvolvidas no projeto ao longo de todo o período letivo. A tabela a seguir ilustra um pouco acerca dos muitos avanços ocorridos no decorrer da pesquisa.



Níveis	Início do Projeto	Meio do Projeto	Fim do projeto
	Julho de 2011	Dezembro de 2011	Junho de 2012
Pré-silábico	80%	30 %	4%
Silábico-inicial	10%	12 %	21%
Silábico-alfabético	10%	19 %	16%
Alfabético	0%	39 %	59%

Podemos perceber a partir dos dados acima, um progresso bastante positivo no que condiz a apropriação do sistema de escrita alfabética por meio dos alunos de uma turma de 1º ano que no início do ano não sabiam escrever nem mesmo seus próprios nomes, e hoje já se encontram em níveis mais avançados, sendo capazes até mesmo de escrever pequenos textos de forma autônoma e reflexiva, como ilustram os dados em anexo a partir dos quais se pode constatar mudanças bastante significativas na escrita das crianças, a exemplo do aluno 1 que se utilizava da escrita unigráfica (uma letra para cada palavra) no início do projeto, e agora já se encontra na hipótese silábico-alfabética. A criança 2 que estava no nível silábico inicial, teve um avanço considerável para o nível alfabético, além da criança 3 que apresentou um avanço no decorrer do projeto com um progresso da hipótese pré-silábico à silábico-alfabética e depois tendo avançado para o nível alfabético. Todos esses avanços devem-se a parceria bolsista-professor de sala de aula e de todas as atividades desenvolvidas ao longo do período letivo, desde as atividades coletivas, até mesmo os atendimentos paralelos àqueles que tinham mais dificuldades.

diego      diego

A  
V  
P  
S  
X  
A  
R  
V

RA  
OI  
PEXE  
SAPO  
XAI  
ABA  
AXORO  
OOETA

Maria      Maria

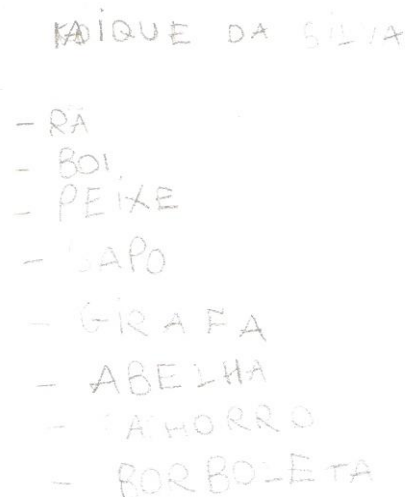
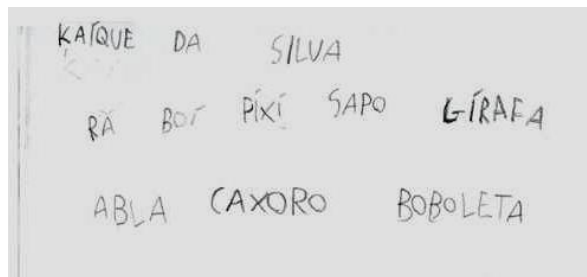
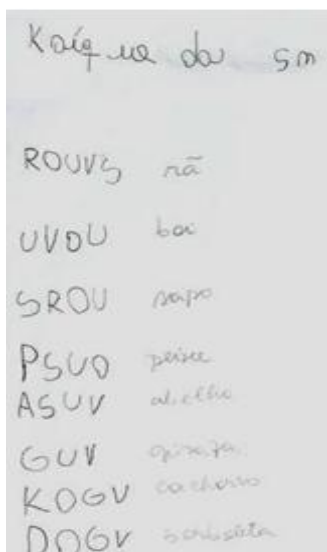
A  
Pø  
POCF  
SACA  
GIRFA  
AORSO  
OIFA

Maria Zistoria

Tio  
Boia  
Pete  
Sato  
grota  
Cataro  
Babulita

Figuras 1 e 2 - Sondagem Inicial e Final do aluno 1

Figura 2 e 3 - Sondagem Inicial e Final do aluno 2



Figuras 4, 5 e 6- Sondagem Inicial intermediária e Final do aluno 3

## Conclusão

O presente artigo buscou discutir a importância do trabalho com jogos alfabéticos e sequências de atividades lúdicas, numa perspectiva de que o ensino ocorra de maneira significativa e reflexiva, com o intuito de ampliar os conhecimentos dos educandos em relação ao aprendizado sobre o sistema de escrita alfabética. Foi possível constatar uma contribuição significativa para a formação de crianças produtoras de textos, envolvidas em situações sociais letradas, de modo que elas não sejam capazes apenas de codificar e decodificar textos; mas também façam uso das ferramentas da leitura e da escrita nas mais diversas práticas sociais. Foi possível, portanto, constatar uma interação real entre aluno-aprendizagem a partir de metodologias eficazes que possibilitaram uma nova visão da língua enquanto instrumento de comunicação.

As atividades e jogos aplicados contribuíram bastante para tornar o aluno mais reflexivo, auxiliando-o a ter mais clareza nos usos e práticas de escrita, pois essas produções não são apenas redações para compor tarefas ou notas, mas estão sendo discutidas a partir do conhecimento que o aluno tem sobre o tema para então iniciar sua escrita.

Em consonância com estas observações sobre o tema em pauta, pode-se dizer que o trabalho com jogos é uma extraordinária oportunidade de se lidar com a língua em seus diversos usos autênticos no dia-a-dia, num trabalho lúdico e reflexivo, o que faz o aluno agir objetivamente.

É, pois, preciso trabalhar em sala de aula estratégias que façam com que o aluno seja letrado de modo a reconhecer e saber utilizar os usos funções da língua, e dessa forma, este possa tornar-se cidadão crítico e reflexivo em suas produções. No entanto não se deve esperar que as crianças aprendam naturalmente as habilidades necessárias a apropriação do SEA; é necessário ao docente assumir o papel de mediador desse processo de aprendizado da escrita o qual precisa ser realizado a partir de

estratégias que tragam autonomia para que a criança tenha ciência do que escrever, como escrever e para quem escrever, ao invés de apenas fazer cópias e produções sem significado algum.

## Referências

FERREIRO, Emília ; TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1979.

FREITAS, G. C. M. Sobre a consciência fonológica. In: LAMPRECHI, R. (Org.). **Aquisição do português**. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 179-192.

HOUAISS, A.; VILLAR, M.S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

GALVÃO, A.; LEAL, T. F. Há lugar para métodos de alfabetização? Conversa com professores(as). In: MORAIS, A. G.; ALBUQUERQUE, E. B. C.; LEAL, T. F. (Org.). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 11-28.

KISHIMOTO, T. M. O jogo e a educação infantil. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 13-43.

KURY, A. G. **Minidicionário Gama Kury da língua portuguesa**. São Paulo: FTD, 2002.

LEAL, T. F.; ALBUQUERQUE, E. B.; LEITE, T. M. R. Jogos: alternativas didáticas para brincar alfabetizando (ou alfabetizar brincando?). In: MORAIS, A. G.; ALBUQUERQUE, E. B. C.; LEAL, T. F. (Org.). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 111-132.

LEAL, Telma F. A aprendizagem dos princípios básicos do sistema alfabético: por que é importante sistematizar o ensino? In: ALBUQUERQUE, E. B. C. ; LEAL, T. F. **A alfabetização de jovens e adultos em uma perspectiva do letramento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MORAIS, A. G. ALBUQUERQUE, E; LEAL, T (org). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte. Editora: Autêntica, 2005.

MORAIS, A.G. Consciência Fonológica e metodologias de alfabetização. **Presença Pedagógica**. v.12, p. 59-67, jul/ago.2006.

SOARES, Magda. Alfabetização: a ressignificação do conceito. IN: SOARES, Magda. **Alfabetização e Cidadania**, São Paulo, n. 16, p. 9-17, jul/2003.